

Apresentação

Ricardo V. Santos
Carlos E. A. Coimbra Jr
(orgs.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, RV., and COIMBRA JR., CEA., orgs. *Saúde e povos indígenas* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994. 251 p. ISBN 85-85676-05-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

A p r e s e n t a ç ã o

Englobando dimensões biológicas, culturais e sociais, a saúde e a doença são processos que dizem respeito a todas as sociedades humanas. Este livro propõe-se a contribuir ao melhor entendimento acerca do intercruzamento destas dimensões, tendo como campo de reflexão as sociedades indígenas brasileiras.

Trata-se de uma coletânea que tem por objetivo apresentar a pluralidade teórica-metodológica que atualmente caracteriza os estudos acerca do processo saúde/doença nestas sociedades. Em sua concepção e conteúdo, o livro situa-se (ainda que não unicamente) no campo da antropologia, disciplina cuja tradição de pesquisa em sociedades indígenas brasileiras é longa e frutífera. No tocante à saúde e à doença, as pesquisas antropológicas entre estas sociedades caracterizam-se por sua diversidade, indo desde aquelas mais centradas na dinâmica epidemiológica até outras com maior enfoque em aspectos culturais. Este livro procura registrar esta saudável heterogeneidade.

Na seleção dos trabalhos, partiu-se da premissa que, para um entendimento adequado do processo saúde/doença nas sociedades indígenas, é preciso levar em consideração não somente os aspectos bioecológicos que regulam a relação parasita-hospedeiro, por um lado, como também os fatores culturais envolvidos na escolha dos itinerários terapêuticos, por outro. Ao nosso ver, estas questões, assim como diversas outras, são passíveis de serem abordadas por meio de um enfoque antropológico. Devemos ressaltar que a pluralidade aqui manifesta vai além de uma tentativa de holismo e interdisciplinaridade, expressões que ocupam um *locus* diferenciado no discurso científico contemporâneo. No estudo do processo saúde/doença em sociedades indígenas, ela é absolutamente essencial.

Assim, o livro inclui contribuições de autores identificados com vertentes tão diversas como a antropologia biológica, a antropologia ecológica e a antropologia médica. O diálogo entre estas subáreas da antropologia não tem sido freqüente, muito menos fácil, nestes tempos de crescente especialização das maneiras de compreender a diversidade biológica e cultural das sociedades humanas. As contribuições desta coletânea demonstram, ao nosso ver, que a dicotomia comumente observada entre perspectivas de cunho simbólico e materialista, só para citar duas

vertentes, não se sustenta no tocante aos estudos sobre o processo saúde/doença das populações indígenas. Por se tratar de um campo eminentemente multifacetado, aparatos teórico-metodológicos diversos são necessários para tornar clara sua complexidade.

Nosso intuito aqui não é o de proceder à uma revisão da literatura sobre o processo saúde/doença das populações indígenas do Brasil. Da maneira como o entendemos, trata-se de um campo muito extenso que, no presente, conta com uma bibliografia especializada cujo domínio, arriscaríamos dizer, está possivelmente além da capacidade de síntese de investigadores individuais. É importante, contudo, explicitar as dimensões que interligam as diversas contribuições, das quais duas são particularmente evidentes. Primeiro, os autores estão primariamente interessados em sociedades experimentando acelerados e profundos processos de transformação. Historicidade e processualismo são aspectos que emergem repetidamente, de forma menos ou mais explícita, nos diversos capítulos. Como pano de fundo, têm-se as sociedades indígenas inseridas em contextos socioeconômico-culturais nos quais a negociação em torno dos significados e práticas relativos à saúde e à doença é intensa. Segundo, tomadas em seu conjunto, as contribuições demonstram que os impactos das mudanças sobre a dinâmica do processo saúde/doença inscrevem-se nas várias dimensões da realidade social e biológica dos povos indígenas, incluindo seus genes, seus ossos, seus corpos, suas construções culturais, suas narrativas, seus arranjos sociais e assim por diante. Ou seja, é razoável argumentar que temos unicidade no que diz respeito ao processo sob análise (saúde/doença em sociedades experimentando rápida transformação) e complementariedade no que tange aos níveis de análise (biologia, cultura e sociedade). Há um terceiro e igualmente importante elo de ligação: diversas contribuições apontam que, para se prover uma assistência à saúde para as sociedades indígenas consonante com suas construções e práticas relativas ao processo saúde/doença, é essencial compreender seus sistemas de crenças e práticas médicas.

A primeira parte (Saúde e Doença na Pré-História e Contato) traz contribuições que exploram tópicos como a paleopatologia, a interface entre epidemiologia e dinâmica demográfica e as inter-relações entre variabilidade biológica e os impactos de epidemias de doenças infecto-parasitárias. O atual perfil epidemiológico das populações indígenas resulta de uma longa experiência de contato com patógenos, sejam eles autóctones ou introduzidos. Em seu conjunto, os capítulos desta seção provêm um panorama diacrônico do processo saúde/doença, permitindo avaliar como

têm sido suas respostas biológicas e culturais frente às epidemias ao longo do tempo.

Sheila Mendonça de Souza, Aduino Araújo e Luiz Fernando Ferreira revêem os estudos em paleopatologia de populações indígenas brasileiras. Este é um campo de pesquisa que procura gerar informações sobre o processo saúde/doença a partir da análise de remanescentes biológicos humanos usualmente recuperados em escavações arqueológicas e a partir da análise de documentos históricos. Os autores apontam que a paleopatologia ainda é pouco desenvolvida no Brasil, o que decorre da falta de tradição acadêmica e da existência de poucas coleções em condições apropriadas para análises paleopatológicas mais aprofundadas, dentre outros fatores. Apesar destas limitações, como bem demonstram os autores, através da paleopatologia já tem sido possível identificar a presença de patologias específicas nas populações indígenas na pré-história.

O capítulo de Carlos Coimbra Jr. & Ricardo Santos mostra como um enfoque comparado pode ser útil para entender os diferentes perfis epidemiológicos das parasitoses entre as populações indígenas sul-americanas, tomando como exemplo a doença de Chagas. A partir da análise dos fatores ecológicos e comportamentais envolvidos na transmissão desta zoonose, os autores procuram explicar o porquê da doença de Chagas ser endêmica entre as populações indígenas andinas desde longa data, o que não ocorre entre as amazônicas. Argumenta-se que a elevada mobilidade e a ausência de animais domésticos, potencialmente reservatórios do parasita em nível domiciliar, seriam as razões pelas quais a doença não se tornou endêmica entre os grupos indígenas da Amazônia.

Francis Black analisa uma questão de interesse central: como explicar os elevadíssimos níveis de mortalidade experimentados pelas populações indígenas devido às epidemias associadas ao contato? A partir de uma revisão da literatura, o autor argumenta que a hipótese de colapso das atividades de subsistência e crise social devido ao adoecer simultâneo da maioria da população é insuficiente para explicar a elevada letalidade. Segundo Black, há possivelmente um componente biológico importante envolvido no processo, qual seja, um acentuado nível de homogeneidade genética das populações indígenas que se traduziria numa menor capacidade (em nível populacional e comparado às sociedades não-indígenas) de responder imunologicamente às infecções.

A segunda seção (Sistema de Crenças e Práticas Médicas) é composta por quatro contribuições centradas na etnomedicina. Menos interessados na descrição de práticas de cura e rituais xamanísticos, os

autores demonstram como a saúde e a doença, assim como as representações acerca destes processos, constitui-se em uma arena de intensa negociação de significados e práticas. Trata-se, portanto, de um espaço privilegiado para analisar relações de poder. Além da relevância teórica, os autores chamam atenção para o fato de que, efetivamente, torna-se necessário enfocar os sistemas médicos tradicionais se o intuito é implementar práticas de assistência à saúde culturalmente adequadas.

A discussão de Cibeli Verani centra-se na "doença da reclusão", uma forma de paralisia que acomete particularmente os adolescentes que passam pelo processo de reclusão pubertária no Alto Xingu. A autora confronta as percepções e práticas acerca da "doença da reclusão" tanto por parte dos alto-xinguanos como por parte dos profissionais de saúde ocidentais que atuam na área, o que lhe possibilita demonstrar elementos de representação bastante distintos acerca de um mesmo processo. Verani também discute como, no contexto da pluralidade étnica alto-xinguanas, a "doença de reclusão" assumiu um relevante papel na dinâmica de relações intertribais, uma vez que, em torno dela, ocorre uma intensa competição pela primazia no tocante às relações com a sociedade nacional envolvente, representada pelos profissionais de saúde ocidentais.

E. Jean Langdon analisa as representações de doença e o itinerário terapêutico dos Siona da Amazônia colombiana. Inicialmente, a autora atém-se na análise das inter-relações entre cosmologia e tratamento de doenças para, a seguir, explorar em detalhe as narrativas associadas a estes processos. Combinando a perspectiva simbólica com a teoria crítica, que em conjunto constituem um dos mais proeminentes arcabouços teóricos da antropologia médica norte-americana contemporânea, Langdon reconstrói através da análise das narrativas a experiência "epidemiológica" dos Siona frente às epidemias que os têm afetado repetidamente ao longo das últimas décadas. Na última parte do seu trabalho, a autora volta-se para a discussão dos mecanismos culturais envolvidos na escolha dos itinerários terapêuticos.

Donald Pollock enfoca as dimensões culturais das crenças e práticas relacionadas à doença, tomando a etnomedicina Kulína como estudo de caso. O autor aponta que, apesar do crescente interesse, as pesquisas em etnomedicina ainda precisam lidar de forma mais sistemática com as interpretações indígenas sobre o processo saúde/doença, campo no qual se insere sua contribuição. O trabalho de Pollock também explora as inter-relações entre a *práxis* Kulína com relação às doenças e suas concepções de "pessoa", um tópico proeminente nos estudos etnológicos de sociedades indígenas sul-americanas. Ao demonstrar que o sistema de classificação das

doenças Kulína está estreitamente associado às maneiras como a sociedade percebe as causas e procede os tratamentos, o autor acentua suas diferenças com relação às percepções e práticas médicas ocidentais.

A partir da análise do sistema médico Wari', também conhecidos na literatura antropológica como Pakaanóva, Beth Conklin aborda as dimensões simbólicas e materiais relacionadas à adoção de conceitos e práticas da medicina ocidental por sociedades indígenas. A autora explora ainda as formas de interpretação das doença e de tratamento dos Wari', assim como procede uma reconstrução do perfil de saúde/doença no período pré-contato. O trabalho de Conklin traz uma importante contribuição ao analisar os fatores conjunturais e estruturais que alimentam o processo de dependência dos Wari' em relação à medicina ocidental.

Finalmente, a terceira parte (*Mudanças nos Perfis de Saúde*) traz três contribuições que exploram especificamente os impactos dos processos de mudanças socioeconômicas sobre o perfil saúde/doença das sociedades indígenas.

Nancy Flowers trata de uma importante questão que, tradicionalmente, tem sido pouco considerada nos estudos antropológicos sobre sociedades indígenas: o contato e suas influências sobre a dinâmica demográfica a longo prazo (i.e., fecundidade, mortalidade, migração, entre outras). Uma dificuldade em realizar trabalhos desta natureza reside na coleta dos dados demográficos, que usualmente precisam ser recuperados através de histórias reprodutivas, uma vez que inexitem outras fontes. Analisando a dinâmica demográfica dos Xavante, a autora chama atenção para o fato dos parâmetros demográficos experimentarem consideráveis variações em curto espaço de tempo — o que Flowers chama de instabilidade demográfica — como resposta às novas condições sociais e ambientais advindas do contato.

O capítulo de Ricardo Santos & Carlos Coimbra Jr. discute os impactos do contato e das mudanças socioeconômicas, tomando como estudo de caso os Tupí-Mondé do sudoeste amazônico. Os autores apontam que se trata de um tópico pouco explorado nos estudos bioantropológicos sobre populações indígenas. Trabalhando com dados ecológicos, epidemiológicos e históricos, o trabalho chama atenção para o fato dos indicadores de saúde dos Tupí-Mondé demonstrarem condições de saúde bastante adversas, comparáveis aos segmentos menos favorecidos da sociedade brasileira. É também ressaltado que o perfil de saúde/doença dos Tupí-Mondé está intimamente associado à dinâmica específica de transformação socioeconômica do sudoeste amazônico.

APRESENTAÇÃO

Fechando o livro, temos o capítulo de José C. S. Bom Meihy, que é uma reflexão acerca do suicídio Kaiowá. Um sério problema de saúde pública em grupos indígenas canadenses, mexicanos e norte-americanos, o elevado número de mortes autoprovocadas entre os Guaraní-Kaiowá tem repercutido nacionalmente. Bom Meihy argumenta que as interpretações acerca das causas do suicídio entre os Kaiowá têm se pautado em modelos ocidentais obviamente exógenos à cultura do grupo. Para o autor, a análise deve ser centrada nos sentidos e motivações da própria sociedade Kaiowá.

Devemos ressaltar que nesta coletânea não estão representados todos aqueles aspectos que julgamos de interesse no estudo do processo saúde/doença das sociedades indígenas. Dentre outras questões que gostaríamos de ver contempladas, destacaríamos duas em particular. Primeiro, são poucos os trabalhos que exploram fontes históricas visando a detalhar o impacto das doenças sobre as populações indígenas ao longo do período colonial. Segundo, a questão do funcionamento dos serviços de saúde aos povos indígenas permanece como um tópico pouco investigado. Ainda que saibamos que, freqüentemente, eles se mostrem conjunturalmente e estruturalmente inadequados para atender às demandas, análises mais refinadas acerca de sua dinâmica de funcionamento ainda estão por ser realizadas.

Finalmente, gostaríamos de agradecer aos autores pela oportunidade de trabalho conjunto. Tanto no caso dos autores nacionais, mas principalmente em relação aos autores estrangeiros cujos textos envolveram tradução, foi intenso o contato e a troca de correspondência até que chegássemos a um resultado final satisfatório. Estendemos nossos agradecimentos à Fundação MacArthur, cujo apoio financeiro possibilitou a tradução dos manuscritos em língua inglesa. Finalmente, um agradecimento especial à Lúcia Pantojo, por seu cuidadoso trabalho de editoração eletrônica.

Os Organizadores

Localização das Principais Sociedades Indígenas Referidas nos Capítulos.

